



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2018: SIC - XXX SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2018
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	Contextos de ocorrência da infecção por HIV em crianças nascidas de mães vivendo com HIV em um cenário de alta prevalência da doença e de distribuição gratuita de medicamentos
<b>Autor</b>	CLARISSA TORRES MARQUES PASQUAL
<b>Orientador</b>	LUCIANA BARCELLOS TEIXEIRA

**Título:** Contextos de ocorrência da infecção por HIV em crianças nascidas de mães vivendo com HIV em um cenário de alta prevalência da doença e de distribuição gratuita de medicamentos

**Acadêmica:** Clarissa Marques Torres Pascoal

**Professor orientador:** Luciana Barcellos Teixeira

**Instituição:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Introdução:** Estimativas da Organização Mundial de Saúde apontam que as mulheres representam 51% do total de pessoas vivendo com HIV/Aids, havendo cerca de 17,4 milhões de mulheres adultas infectadas. No contexto atual da epidemia da Aids, a feminização tem sido caracterizada pelo baixo nível escolar, a verificação de múltiplos parceiros sexuais durante a vida e prática de sexo inseguro, além das demandas de saúde reprodutivas não acolhidas nos serviços de saúde, como os principais pontos da vulnerabilidade. Segundo a UNAIDS, todos os anos, cerca de 1,4 milhão de mulheres que vivem com HIV engravidam no mundo. Frente à elevada taxa de detecção em Porto Alegre, a transmissão vertical é tema prioritário para a saúde pública. Em Porto Alegre, cidade com a maior taxa de detecção de Aids na população geral e em gestantes, a taxa de transmissão vertical em 2014 foi de 3%, o que é considerado extremamente elevado, para um cenário de distribuição gratuita e universal de medicamentos, em que o esperado seria uma taxa inferior a 1%. **Objetivo:** Analisar o contexto de ocorrência de HIV em crianças nascidas de mães vivendo com HIV em um cenário de alta prevalência. **Metodologia:** Este trabalho utilizou dados de um estudo transversal sobre saúde sexual e reprodutiva realizado em Porto Alegre com mulheres de 18 a 49 anos. As mulheres vivendo com HIV foram recrutadas nos oito serviços de atendimento especializado em HIV/Aids da cidade. O projeto foi aprovado no CEP da UFRGS e dos serviços de saúde. Foi realizado o preenchimento do instrumento de pesquisa através de tablet, em que o questionário foi organizado no programa Sphinks. Os dados foram analisados no programa SPSS. Para esta análise utilizou-se estatística descritiva. **Resultados:** Foram entrevistas 681 mulheres, das quais 240 (35,2%) tiveram gestações após o diagnóstico. Das 240 gestações, 172 crianças não tinha o vírus, 49 não sabiam o resultado final da sorologia, 18 crianças eram HIV positivas e 1 criança estava no período de acompanhamento. Das 18 crianças com HIV, 3 evoluíram para óbito. O perfil das mães de crianças soropositivas apontou que 75% viviam com menos de 2 salários mínimos, 72,2% possuíam o ensino fundamental, 27,8% já haviam usado drogas, quase 40% passaram por situações de discriminação em serviços de saúde. Todas as 18 mulheres cuja criança é soropositiva para o HIV tiveram uma segunda gestação, sendo que em 2 casos a criança da segunda gestação também é HIV positiva. Todas as mulheres realizaram teste anti-HIV no parto. **Considerações finais:** O percentual de crianças infectadas é elevado. As mulheres estão em idade fértil e há possibilidade de novas gestações. Verificou-se o contexto de ocorrência de HIV em crianças envolve o quadro de vulnerabilidade no qual as mulheres estão inseridas. Há também questões como não adesão ao protocolo medicamentoso e de cuidados com as crianças. Tendo em vista estas falhas, o pré-natal pode ser um excelente período para estratégias de educação em saúde que visem a redução da transmissão vertical. Para mulheres que não realizam o pré-natal, na alta hospitalar, a maternidade pode tentar contato com a unidade de saúde para estimular a vinculação da mulher com o serviço, a fim de garantir o acompanhamento da criança em serviço especializado e na atenção básica. Estas estratégias podem ajudar no controle e redução da transmissão vertical, que é atividade prioritária, entre as ações globais de prevenção do HIV desde 1998, pela Organização Mundial de Saúde.